



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. FILIPA DE LENCASTRE

PROJETO EDUCATIVO



2017

**“[...] a força dos meus sonhos é tão forte,
que de tudo renasce a exaltação
e nunca as minhas mãos ficam vazias.”**

in Sophia de Mello Breyner, *Antologia Poética* [1ª. Ed., Coimbra 1944] , Lisboa, Assírio & Alvim, 2015, p. 61

Elenco das siglas utilizadas ao longo do documento

AAFL – Associação de Alunos da D. Filipa de Lencastre

AEDFL- Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre

APEE – Associação de Pais e Encarregados de Educação

C.P. – Conselho Pedagógico

C.T. - Conselho de Turma

CN – Ciências Naturais

DT – Diretor de Turma

EB – Escola Básica

EBS – Escola Básica e Secundária

EE - Encarregados de Educação

ET – Educação Tecnológica

EV – Educação Visual

EVT – Educação Visual e Tecnológica

FP - Função Pública

JI – Jardim de Infância

GID – Gabinete de Intervenção Disciplinar

Moodle- Plataforma on-line de gestão e partilha de informação

PEA – Projeto Educativo do Agrupamento

QE – Quadro de Escola

QZP- Quadro de Zona Pedagógica

SEE – Serviço de Ensino Especial

SPO – Serviço de Psicologia e Orientação

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

Prólogo

Os desafios com que a escola é confrontada, devido à diversidade de população que a constitui e às sucessivas alterações e mudanças que se na sociedade contemporânea, exigem por parte dessa mesma escola respostas curriculares contextualizadas e, por vezes inovadora, reforçando o seu carácter fundamental que é o de ser o território de referência de construção futura do conhecimento.

Num mundo de permanentes mudanças, cada vez mais competitivo, disruptivo e automatizado, exigindo ao indivíduo que saiba interpretar, decidir e agir de forma consciente e intencional, a nossa atenção deve ser focalizada no que é a Escola, um lugar onde se ensina e se aprende, construindo um percurso de sucesso para os nossos alunos, quer a nível do desempenho escolar quer a nível das competências pessoais e sociais, indispensáveis para se ser um cidadão ativo, consciente e responsável.

A imprevisibilidade do futuro, não deve ser impeditiva de o elaborar e projetar, norteados o planeamento da ação educativa por um conjunto de aspirações e de valores humanistas e universais e pelo princípio da liberdade de aprender e de ensinar, consagrado na Lei de Bases do Sistema Educativo.

Introdução

O Projeto Educativo do AEDFL enquanto expressão de uma realidade organizacional, tendo como pressuposto que os alunos são o principal referencial da nossa ação e que esta depende, em primeiro lugar da capacidade de mobilização, de envolvimento e de realização dos recursos humanos do Agrupamento bem como da participação das famílias, da autarquia e dos restantes agentes educativos que constituem a comunidade, posiciona-se como um documento de planificação educativa de natureza geral e estratégica e deve ser entendido numa lógica de coerência e articulação com os outros documentos orientadores do Agrupamento.

O Projeto Educativo do AEDFL, agora, reescrito, redefine o perfil do Agrupamento e reforça o envolvimento da comunidade educativa num projeto que se quer simultaneamente identitário, partilhado e plural, situa-se como instrumento organizacional e pedagógico servindo, em simultâneo, como ponto de referência na coerência e unidade da ação educativa.

Com este pressuposto e dando cumprimento ao prescrito no Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 137/2012 de 2 de julho, o presente Projeto Educativo estabelece os princípios, valores e linhas de ação para os Estabelecimentos de Educação e de Ensino que integram o sistema organizacional do AEDFL, com o propósito de garantir a qualidade pedagógica, a articulação vertical dos diferentes níveis de ensino que o integram e racionalizar os seus recursos humanos, para um horizonte de quatro anos escolares.

Expressa, assim:

- a) a necessidade de conciliar a vontade de progresso ao mesmo tempo que de preservar a coerência da instituição escolar;
- b) a vontade de construir uma escola aprendente, reflexiva que através do debate e tomadas de decisão, cuidadosamente elaboradas, a torne mais justa, mais eficaz e estruturada na convicção de uma educação para todos;
- c) um ato coletivo onde cada um assume a sua responsabilidade.

Que resulta de:

- a) uma dinâmica reflexiva dos diferentes elementos desta comunidade educativa;
- b) uma análise crítica do PEA que o precedeu, dos Planos Anuais de Atividades e do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Avaliação Interna;
- c) um cruzamento do prescrito no seu Projeto de Autonomia, no seu Plano de ação estratégica e no Projeto de Intervenção da Diretora.

1. Pressupostos para uma visão do AEDFL

- a) por um Agrupamento de excelência;
- b) uma escola de sucesso para todos.

2. Estabelecimento de uma missão para o AEDFL

O AEDFL assume como missão, prestar à comunidade um ensino de qualidade, rigor e responsabilidade, numa escola de excelência aberta e inclusiva, contribuindo para a construção de uma sociedade justa, equilibrada e implicada.

Acreditando na ideia de que a educação informal e formal tem por finalidade criar entre os indivíduos vínculos sociais que tenham referenciais comuns, a escola, como espaço de educação formal, tem como missão o desenvolvimento do ser humano nas suas múltiplas dimensões. Neste sentido, a escola deve apostar num ensino de qualidade e envolver, nas parcerias educativas, as famílias e os diversos atores sociais. Neste contexto, para dar resposta à missão do Agrupamento, o processo educativo deve organizar-se em torno de quatro vetores fundamentais da aprendizagem:

- a) aprender, entender e conhecer (adquirir os instrumentos da compreensão);
- b) aprender a fazer (agir sobre o meio envolvente);
- c) aprender a viver juntos (participar e cooperar);
- d) aprender a ser (valorizar o autoavaliação e o crescimento como pessoa).

Seguindo esta linha de pensamento, o Agrupamento, tendo em atenção a sua identidade, a assunção do seu passado e a herança cultural recebida, afirma-se como uma organização dinâmica, aberta à comunidade onde se inscreve e da qual participa. Através do seu Projeto Educativo e do seu Regulamento Interno, estrutura a sua ação nos grandes valores humanistas, não restringindo a educação ao ensino, mas englobando uma educação para os valores em que o respeito pelo outro e pela diferença, a tolerância e a solidariedade balizam a sua prática educativa.

Deste modo, a ação educativa a que se aspira e o caminho para concretizá-la fundamentam-se num conjunto de princípios e valores que orientam a prática pedagógica num Agrupamento que se revê como organização formativa do indivíduo em todas as suas dimensões.

3. Princípios motores do Agrupamento

São princípios motores do AEDFL:

- **a transparência** - na tomada de decisões.
- **a participação** - ativa e responsável de todos os elementos da comunidade educativa na vida da escola, através da promoção de uma liderança com responsabilidades partilhadas.

- **a equidade** - de todos os intervenientes nos diferentes processos de organização e ação do serviço a prestar, não sustentando ambiguidades quanto ao papel específico de cada um.
- **a exigência** - na intervenção pedagógica e na qualidade da prestação do serviço educativo, valorização do trabalho.
- **o equilíbrio** - entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico.
- **a Sustentabilidade** - da gestão inteligente dos recursos humanos, materiais e pedagógicos.

4. Valores a elaborar a estimular e a sustentar

Apresenta-se neste ponto a enumeração de valores indispensáveis a um PE que engloba toda a comunidade educativa em forma de palavra-chave:

Liberdade – responsabilidade – justiça – rigor – cultura de mérito – humanismo – solidariedade – equidade – disponibilidade – tolerância – disciplina – autonomia – inovação – confiança – colaboração – compromisso.

5. Perfil do aluno do AEDFL

A missão e os valores da escola são partilhados por toda a comunidade educativa, abrangendo valores como a justiça, o humanismo e a solidariedade. A valorização da inclusão, a promoção da equidade e a aposta na melhoria dos resultados académicos são imperativos transversais a toda a comunidade escolar.

Neste contexto, destacam-se as dimensões humana, académica e cívica na formação dos nossos alunos.

Assim, há que consciencializar os alunos para:

- a) a importância da filosofia do diálogo;
- b) a necessidade do rigor e da exigência do empenho;
- c) a relevância do combate à violência e às desigualdades económicas e sociais;
- d) indignação face à injustiça e à desumanização das sociedades competitivas e consumistas;
- e) responsabilidade pela conservação do património;
- f) o compromisso com a defesa do meio ambiente;
- g) para o envolvimento em projetos de solidariedade nacional e internacional.

Tornando-os:

- a) cidadãos conscientes, responsáveis e participativos numa sociedade democrática;
- b) indivíduos capazes de, em conjunto com a comunidade envolvente partilharem experiências e concretizarem vivências, projetos e ideias que relacionem a aprendizagem e a descoberta de valores numa perspetiva de compromisso com os outros e com o meio;
- c) capazes de fomentar nas relações entre os colegas e os restantes elementos da comunidade, a prática de valores de convivência cívica, de respeito pelo outro e pela diferença, de abertura e diálogo;
- d) participantes reflexivos no mundo, avaliando o impacto das suas ações e desenvolvendo a criatividade e inovação.

6. Metas do AEDFL

Decorrente da missão do Agrupamento, definiram-se metas e eixos de atuação que se organizam de acordo com as intenções de:

- a) distribuir responsabilidades;
- b) desenvolver as relações entre todos os agentes educativos, tornando-os mais participativos;
- c) estabelecer hábitos de autorreflexão, em conjunto e de forma continuada;
- d) promover a cooperação, compreensão, respeito mútuo, solidariedade, justiça e honestidade.

Domínio: gestão pedagógica

Meta

Constituir-se como um Agrupamento inclusivo pelo exercício de uma cidadania pluralista, democrática e atuante

Objetivos

- . corresponsabilizar os alunos no que diz respeito à vida na escola e ao ato educativo;
- . promover um processo de valorização da autonomia pedagógica e organizativa que potencialize a experiência e saberes de todos os profissionais do AEDFL na construção de uma autêntica comunidade educativa;
- . diversificar a oferta educativa e formativa de acordo com o contexto educativo.

Atividades

- . Conselho de Alunos.
- . projetos de trabalho que organizem atividades que envolvam a interação direta do aluno na vida do Agrupamento.
- . consolidação de redes de parcerias e protocolos que proporcionem aos alunos espaços de aprendizagem em contexto, fora da sala de aula.
- . promoção de ciclos de palestras, workshops, projetos, de entre outros, realizadas em parceria com os EE.
- . desenvolvimento do mecenato social de apoio aos projetos, como por exemplo o projeto Filipa Solidário.

Indicadores/evidências

- . grau de participação.
- . nível de concretização das parcerias e protocolos

Meta

Valorizar o Agrupamento enquanto espaço privilegiado para o desenvolvimento da formação integral do aluno

Objetivos

- . diversificar a oferta educativa e formativa de acordo com o contexto educativo;
- . desenvolver procedimentos avaliativos diversificados e contextualizados;
- . potencializar as boas práticas relativas à gestão pedagógica em contexto de sala de aula;
- . tornar o plano de trabalho turma um elemento de referencia do trabalho a desenvolver com os alunos;
- . criar condições para que as Equipas de Integração e Apoio ao Aluno (GID, SPO, SEE, Tutorias, DTs,...) possam exercer as competências que lhe estão atribuídas;
- . agir a montante do insucesso, mobilizando recursos e estratégias de superação;
- . gerir o currículo numa perspectiva multidisciplinar, transdisciplinar, interdisciplinar, contrariando a fragmentação do saber, permitindo abordar problemas complexos de diferentes pontos de vista, numa compreensão holística do mundo.

Atividades

- . projetos pedagógicos focados no rigor científico e na qualidade pedagógica e didática.
- . prática generalizada de avaliação diagnóstica, ponto de partida para o trabalho com a turma e para a construção de grupos de homogeneidade relativa.
- . construção de referencial de rigor e qualidade.

Indicadores/Evidências

- . nível de execução dos critérios constantes do referencial aprovado em C.P. e C.T.

Domínio: profissionalidade

Meta

Desenvolvimento da valorização profissional do pessoal docente e não docente

Objetivos

- . garantir a formação contínua dos agentes educativos;
- . promover a autoformação.

Atividades

- . plano de formação articulado com os documentos estruturantes do AEDFL, evidenciando áreas prioritárias de formação.
- . jornadas pedagógicas e partilha de boas práticas, de cenários e de materiais pedagógicos.
- . criação de redes de trabalho com outras entidades, através de protocolos de colaboração.

Indicadores/Evidências

- . nível de participação e execução do plano de formação

Domínio: organizacional

Meta

Reforço das lideranças intermédias

Objetivos

- . criar condições para a construção do conhecimento;
- . criar e gerir contextos formativos diversificados e de qualidade;
- . colaborar com os pares em atividades de supervisão pedagógica, criando momentos de reflexão, discussão e de partilha de práticas;
- . envolvimento na definição de orientações da prática educativa do AEDFL e no seu projeto avaliativo.

Atividades

- . projetos estratégicos definidos conjuntamente ao nível das estruturas intermédias.

Indicadores/ Evidências

- . nível/ taxa de execução das iniciativas.

7. Diagnóstico estratégico

7.1. A escola e o meio

7.1.1. Breve enquadramento histórico-cultural do Agrupamento

O Agrupamento Vertical de Escolas D. Filipa de Lencastre entrou em funcionamento no ano letivo de 2007-2008, por Despacho do Diretor Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo de 26/06/2007, sendo constituído pelos 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico e ensino secundário. Em 2009/2010 passou a integrar também o Jardim-de-infância António José de Almeida. No ano letivo 2016/2017, passa a designar-se por Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre.

A Escola Básica e Secundária D. Filipa de Lencastre, sede do Agrupamento, resultou da transformação do Liceu Dona Filipa de Lencastre, que se inscrevia na tradição do ensino liceal feminino, num estabelecimento de ensino secundário de coeducação, na sequência das reformas realizadas após a implantação do regime democrático em 1974. O Liceu foi criado pelo Decreto n.º 15 971, de 21 de setembro de 1928, durante o curto mandato de Duarte Pacheco como Ministro da Instrução, pretendendo-se, responder à procura crescente de ensino secundário público pelas raparigas residentes em Lisboa. Funda-se, assim, o segundo liceu feminino na capital e o quarto no país, ficando instalado num palacete situado na Rua do Quelhas. Foi necessário esperar dez anos para que o *Liceu Filipa* fosse instalado definitivamente, por ordem do Ministro da Educação Nacional, Carneiro Pacheco, no Bairro Social do Arco Cego, a 14 de novembro de 1938, ocupando um edifício da autoria do Arquiteto Jorge Segurado que, não tendo sido criado para esse fim, sofreu obras de remodelação para responder às exigências da vida escolar liceal na época do Estado Novo. O Liceu era então frequentado por cerca de mil alunas. Por este estabelecimento de ensino passaram já um conjunto de pessoas que se distinguiram na sociedade portuguesa, entre elas, Maria Jesus Barroso, Natália Correia, Maria de Lourdes Pintassilgo, Cármen Dolores, Alice Vieira, entre muitos outros.

O Bairro do Arco do Cego, no qual se situa o Agrupamento, está integrado na Freguesia do Areeiro. A abertura da Avenida da Liberdade e o conseqüente crescimento da cidade para Norte foram alterando a vida desta freguesia, predominantemente rural e de recreio, animada por festas populares e elitistas, promovidas nas quintas de veraneio aí existentes. A conjuntura política *estadonovista* promove a reconfiguração da capital, fazendo emergir um novo bairro paradigmático do regime, tanto em termos de ocupação do espaço pelos seus quadros médios, como da presença da monumentalidade arquitetónica da época. Assim, impulsionado pelo Ministro Duarte Pacheco, o plano Groer edifica, a partir da Praça do Areeiro, um centro habitacional e de serviços representativo dum novo ciclo da vida política portuguesa. O Bairro do Arco Cego, projetado pelos arquitetos Edmundo Tavares e Frederico Machado, é inaugurado em 1934. Constroem-se, também, entre os finais dos anos vinte e os anos trinta, os edifícios onde se instalam o Instituto Superior Técnico, o Instituto Nacional de Estatística, ambos da traça do Arquiteto Porfírio Pardal Monteiro, a Casa da Moeda, da autoria do Arquiteto Jorge Segurado, e ainda um outro que, destinado a abrigar a nova escola de formação de professores do ensino primário, antes de se concretizar a sua ocupação, recebe o Liceu de Dona Filipa de Lencastre, na altura alojado num edifício não condigno à vida escolar, situado entre a Rua de S. Bernardo e a Calçada da Estrela. Mais tarde, em 1953, procede-se à construção da Igreja de S. João de Deus, projetada pelo arquiteto António Lino. No final do século passado, no espaço ocupado por uma fábrica de cerâmica, é edificado um conjunto arquitetónico da autoria do Arquiteto Arsénio Raposo Cordeiro, para se instalar a sede da Caixa Geral de Depósitos e a sua Fundação Culturgest, que foi inaugurado em 1993.

7.1.2. A caracterização do meio: tecido social onde se insere o Agrupamento

O AEDFL encontra-se implantado num meio urbano com uma grande diversidade de ofertas educativas, quer a nível de ensino público, quer de ensino privado. Inserido num espaço de significativa pressão residencial e de forte concentração de atividades terciárias, o Agrupamento ultrapassa em área de influência os limites da sua zona pedagógica. Neste sentido, a sua população escolar provém, para além da cidade de Lisboa, de áreas diversificadas, como as do concelho de Almada, Amadora, Odivelas, Loures e Vila Franca de Xira. As expectativas das famílias em relação à escola são muito elevadas, com maior incidência nos alunos que frequentam o Ensino Secundário, onde se regista um grande investimento na educação para prosseguimento de estudos. Os bons resultados obtidos na avaliação externa reforçaram a procura e consolidaram a imagem de destaque do Agrupamento, quer na opinião pública, quer entre pares, nomeadamente registando-se o apreço de instituições do Ensino Superior que têm recebido estudantes provenientes do Agrupamento.

7.1.3. O espaço físico: instalações e equipamentos

No âmbito do projeto governamental de requalificação do Parque Escolar do país, os edifícios do Agrupamento entraram em obras de recuperação em 2008/2009, tendo sido reinaugurado a 5 de outubro de 2010. Concluídas as obras, o edifício central ficou destinado ao funcionamento do 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário, o edifício norte ao 2º ciclo do ensino básico e o edifício sul ao 1º ciclo do ensino básico. O Jardim-de-infância funcionou até ao ano letivo 2016/2017 num edifício situado na Avenida António José de Almeida. Atualmente os JI está a ocupar um espaço da escola do 1.º ciclo devido à necessidade de obras no edifício destinado a este nível de ensino. O espaço exterior pertencente à escola-sede é quase inexistente. A área em frente à porta principal da escola-sede foi vedada ao trânsito automóvel, mas continua a ser um espaço público. Esta área exterior era de extrema importância para espaço de recreio dos alunos, uma vez que o pátio interior, além de possuir uma área muito reduzida, limita a sua utilização durante o decurso das atividades letivas, pois muitas das salas de aula têm as suas janelas viradas para este espaço.

As instalações e respetivo equipamentos estão assim distribuídos:

a) Edifício sede

Ocupado pelo 3.º ciclo do Ensino Básico e pelo Ensino Secundário.

Salas de Aula - 22

Salas de EV - 2

Sala de ET- 1

Laboratórios de Biologia/Geologia – 2

Laboratórios de Física – 2

Laboratório de Química - 1

Salas TIC – 2, estando numa delas a funcionar o Laboratório de Matemática

Gabinete de Línguas - 1

Oficina Multimédia - 1

Gabinete dos Serviços Técnico-Pedagógicos – 2

Auditório - 1

Ginásios e Terraço Polidesportivo - 4

Salas para Atividades Extracurriculares e Culturais - 4

Gabinete de Diretores de Turma - 1

Gabinetes de Trabalho para os Docentes por Departamento Curricular - 1

Gabinetes de Atendimento de Encarregados de Educação - 1

Gabinete da AAFL - 1

Biblioteca Escolar e Centro de Recursos Educativos - 1

GID e Apoio ao Aluno – 1

Sala de Professores – 1

Gabinete da Direção - 1

Sala de Serviços Administrativo – 1

Gabinete de apoio aos Serviços Administrativos - 2

Loja Escolar -1

Bar -1

Refeitórios – 2

b) Edifício Norte

Ocupado pelo 2.º Ciclo do Ensino Básico

Salas de Aula – 9

Laboratório de CN - 1

Salas de EVT - 3

Sala TIC - 1

Sala de Leitura -1

Sala de DT -1

Sala de Professores - 1

Sala de Apoio ao Estudo - 1

Sala de Projetos -1

Bar - 1

Gabinete de Apoio Educativo - 1

Gabinete de Atendimento aos EE - 1

Gabinete da APEE da Escola Secundária D. Filipa de Lencastre – 1

Campo de Jogos – 1

c)Edifício Sul

Ocupado pelo 1.º Ciclo do Ensino Básico

Salas de Aula – 16

Biblioteca Escolar – 1

Centro de Recursos - 1

Sala de Trabalho de Docentes -1

Gabinete de Coordenação – 1

Sala de Educação Especial - 1

Sala de Professores - 1

Sala da Associação de Pais e Encarregados de Educação -1

Em termos genéricos, as escolas estão equipadas com quadros interativos e projetores multimédia, bem como um vasto conjunto de equipamentos e materiais específicos que permitem lecionar as disciplinas mais específicas, possibilitando assim, a adoção pelos docentes das metodologias mais adequadas ao desenvolvimento dos currículos.

d)Jardim-de-infância António José de Almeida

Funciona a Educação Pré-escolar

Monoblocos para Salas de Atividades – 2

7.2 Comunidade educativa

No ADEFL frequentam cerca de 1848 alunos e 170 docentes e não docentes.

Os alunos distribuem-se pelos diferentes nível/ciclos de escolaridade conforme se observa no quadro 1.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DONA FILIPA DE LENCASTRE			
Estabelecimento de Ensino	Ano de escolaridade	N.º de alunos	N.º de turmas
JI António José de Almeida	Pré-escolar	50	2
EB S. João de Deus	1.º ciclo	405	16
EBS D. Filipa de Lencastre	2.º ciclo	352	12
	3.º ciclo	490	18
	Secundário	550	19
	TOTAL	1848	67

Quadro 1 - População escolar do AEDFL (ano letivo 2016/2017)

8. Recursos humanos

Os recursos humanos integram pessoal docente e não docente. A sua gestão obedece a critérios diversificados, respeitando princípios de equidade e justiça, procurando proporcionar, as melhores condições para o bom funcionamento do Agrupamento.

8.1. Pessoal docente

No Agrupamento trabalham 146 professores/educadores que constituem um corpo docente qualificado e relativamente estável, dos quais, 95 pertencem ao Quadro do Agrupamento.

Número de docentes por categoria

Categoria	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
QE	88	91	92	92	93	95
QZP	8	8	21	22	24	22
Contratado	43	32	20	20	17	29
Outra	0	0	1	0	0	0
TOTAL	139	131	134	134	134	146

Quadro 2 - Número de docentes por categoria

Número de funcionários docentes por Idade

Idade	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
Menos de 30 anos	2	0	0	0	0	0
Entre 30 e 40 anos	43	31	25	23	14	17
Entre 41 e 50 anos	29	38	44	37	36	42
Entre 51 e 60 anos	55	50	53	57	63	61
Mais de 61 anos	10	12	12	17	21	26
TOTAL	139	131	134	134	134	146

Quadro 3 - Número de funcionários docentes por Idade

Idade \ Antiguidade	Até 4 anos	Entre 5 e 9 anos	Entre 10 e 19 anos	Entre 20 e 29 anos	30 ou mais anos	Total
Entre 30 e 40 anos	12	0	5	0	0	17
Entre 41 e 50 anos	9	4	14	15	0	42
Entre 51 e 60 anos	5	0	2	29	25	61
Mais de 61 anos	0	0	0	1	25	26
Total	26	4	21	45	50	146

Quadro 4 - Docentes do AEDFL (ano letivo 2016/2017)

Cerca de 42% dos docentes do AEDFL tem idade compreendida entre os 51 e 60 anos.

Cerca de 34% dos docentes têm 30 ou mais anos de serviço.

Neste Agrupamento o corpo docente é estável e detentor de uma elevada experiência profissional.

A distribuição do serviço docente assenta num quadro de gestão integral dos recursos humanos e em critérios relacionados com a formação científica e a continuidade pedagógica.

8.2. Pessoal não docente

No que concerne ao pessoal não docente, a Escola dispõe de 45 elementos distribuídos pelas carreiras de “Assistente Técnico” e “Assistente Operacional”.

Os Assistentes Operacionais colaboram no desenvolvimento de toda a ação educativa e são um corpo imprescindível para que o serviço prestado tenha a qualidade desejável. São fundamentalmente do sexo feminino. O seu número encontra-se abaixo do desejável, em função das necessidades do Agrupamento.

Quadro 5 - Número de funcionários não docentes por Vínculo e Categoria:

Categoria \ Vínculo	Contratado a termo resolutivo certo	Contrato de trab. em FP por tempo indeterminado	Contrato de Emprego e Inserção	Total
Assistente Técnico	0	6	1	7
Assistente Operacional	22	13	0	35
Coordenador Técnico	0	1	0	1
Encarregado Operacional	0	1	0	1
Técnico Superior	1	0	0	1
Total	23	21	1	45

Quadro 3 - Número de funcionários não docentes por Idade e Tempo de Serviço (antiguidade)

Idade \ Antiguidade	Até 4 anos	Entre 10 e 19 anos	Entre 20 e 29 anos	30 ou mais anos	Total
Menos de 30 anos	5	0	0	0	5
Entre 30 e 40 anos	6	1	0	0	7
Entre 41 e 50 anos	8	5	0	0	13
Entre 51 e 60 anos	5	1	4	5	15

9. Oferta educativa

No presente ano letivo a oferta curricular contempla os currículos oficiais definidos pela tutela para o ensino básico e ensino secundário.

A disciplina de oferta de escola no 3.º ciclo do ensino básico é Expressão Artística.

O AEDFL oferece como disciplina de oferta complementar:

no 1.º ciclo:

. *descobrir a Ciência*

no 2.º ciclo:

. no 5.º ano – *escrita criativa*

. no 6.º ano – *fábrica de histórias*

no 3.º ciclo (semestral):

. no 7.º ano – *robótica e sítios com história*

. no 8.º ano – *robótica e desafios matemáticos*

.no 9.º ano – *robótica e empreendedorismo*.

A disciplina de TIC é anual e lecionada no 7.º ano.

No Ensino Secundário, os alunos encontram uma oferta educativa igualmente diversificada, podendo optar por 4 áreas dos cursos Científico Humanísticos – Línguas e Humanidades, Artes Visuais, Ciências Socioeconómicas e Ciências e Tecnologias.

Os Serviços de Psicologia do Agrupamento prestam serviços de orientação e apoio aos alunos, no decurso do seu percurso formativo, ajudando-os a encontrar o caminho mais adequado ao seu perfil.

Os Serviços da Educação Especial procedem à necessária integração dos alunos identificados com necessidades educativas especiais, ao abrigo da legislação em vigor, potenciando o desenvolvimento de competências e capacidades e a educação e formação plena destes alunos.

10. Gabinete de Intervenção Disciplinar (GID)

O ambiente escolar é reconhecidamente tranquilo, embora se tenha verificado um aumento das participações de carácter disciplinar, quer no 3º Ciclo do ensino básico, quer no ensino secundário. As situações de comportamentos desajustados resultam essencialmente de comportamentos imaturos, caracterizados pela desconcentração generalizada e alguma falta de saber estar.

A Direção, preocupada com esta situação, criou o GID. Este gabinete é constituído por professores com horas distribuídas preferencialmente na componente não letiva e propõe-se promover uma intervenção pedagógica e disciplinar que contribua para a melhoria do comportamento dos alunos, dentro e fora da sala de aula. Prossegue os princípios gerais e organizativos do Agrupamento, tendo como principal área de intervenção a prevenção da indisciplina, promovendo, em especial, o sentido de responsabilidade, a disciplina e integração dos alunos na escola, a sua formação cívica e o sucesso educativo. Elemento de articulação com os diretores de turma, o GID, seguindo o princípio da proficuidade, trabalha articuladamente com a Direção, com o Serviço de Psicologia e Orientação, com o Serviço de Educação Especial e com a Coordenação dos Diretores de Turma.

11. Biblioteca escolar/centro de recursos educativos

A Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos define-se organicamente como uma estrutura educativa diretamente associada a um conceito de espaço-biblioteca funcionando em regime de livre acesso, vocacionada para o serviço da comunidade escolar.

Como espaço com características específicas, as Bibliotecas Escolares/Centro de Recursos Educativos estão vocacionadas para o desempenho de funções e realização de atividades diferenciadas, no quadro das preocupações de âmbito cultural e educativo próprias de cada estabelecimento de ensino, daqui se inferindo a possibilidade de utilização das bibliotecas para a realização de diferentes tipos de atividades, no campo de intervenção do Agrupamento.

12. Compromisso social do agrupamento/histórico e metas de sucesso

	HISTÓRICO DE SUCESSO			METAS DE SUCESSO	
	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18
1º CICLO	98,9%	98,9%	99,3%	-----	-----
2º CICLO	96,0%	96,0%	97,0%	98%	99%
3º CICLO	92,0%	92,0%	93,9%	95%	97%
SECUNDÁRIO	79,0%	80,0%	96,3%	-----	-----

Quadro 7 - COMPROMISSO SOCIAL DO AGRUPAMENTO/HISTÓRICO E METAS DE SUCESSO

13. Orientações para o plano de intervenção

Os novos desafios que se colocam hoje à escola exigem também que se aprofunde o trabalho em colaboração dos professores, e se repense a organização pedagógica do Agrupamento e as suas estruturas de gestão pedagógica intermédia.

A gestão da qualidade do Agrupamento deve consubstanciar-se, em primeiro lugar, na vertente pedagógica por se promover:

- a) a procura de conhecimento;
- b) a valorização do mérito;
- c) a cultura de envolvimento e abertura ao diálogo;
- d) a solidariedade e o empreendedorismo social;
- e) uma cultura avaliativa que ...
- f) estructure a construção do sistema de aprendizagem e a sua melhoria progressiva;

g) promova e a facilite o controlo e a responsabilização dos alunos pela sua aprendizagem.

Tendo como linhas de força:

- a) ser dirigida ao aluno, tornando-o consciente da sua própria aprendizagem, conduzindo-o a uma maior implicação na sua melhoria;
- b) ser flexível, aberta à pluralidade e à diversidade, adaptando-se às situações individuais, interessando-se tanto pelos processos como pelos resultados;
- c) ultrapassar a mera observação, ligando-a à acção, quer sobre a aprendizagem, quer sobre o ensino, dando, para tal, ênfase à leitura das dificuldades, situando-as e descobrindo as causas para as remediar;
- d) ter, para além do aluno, utilidade para o professor, que através de múltiplos *feedbacks* dispõe de referências para (re)orientar e diferenciar as estratégias de ensino e de aprendizagem;
- e) desenvolver procedimentos tendentes a melhorar competências, no âmbito da conceção e implementação da supervisão pedagógica e do trabalho colaborativo, e em rede para melhorar o desempenho profissional docente, os resultados escolares dos alunos e a qualidade do Agrupamento como organização aprendente (Figura 1).



Figura 1

OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
Requalificação da Escola – melhoria das condições físicas e materiais.	Elevado número de alunos por turma.
Equipamento tecnológico e informático renovado.	Diminuição dos recursos financeiros, resultante dos sucessivos cortes orçamentais.
Localização e proximidade dos diferentes estabelecimentos de ensino possibilitando a criação de projetos transversais	Burocratização do trabalho docente.
Possibilidades de alargar parcerias de âmbito científico e cultural	Elevado número de turmas/docente.
Diversificação da oferta complementar	Número insuficiente de assistentes técnicos e operacionais para a dimensão das instalações.
Envolvimento e empenho dos alunos quando se apresentam a concursos, projetos e outras iniciativas extracurriculares	

PONTOS FORTES	FRAGILIDADES
Taxas de abandono escolar e sucesso educativo	Divulgação/informação de atividades realizadas junto da comunidade
Escola com uma identidade própria e reconhecida na comunidade pelo trabalho educativo que realiza	Insuficiente grau de reconhecimento da importância do trabalho colaborativo
Clima de escola tranquilo e securizante promotor de um bom de ambiente aprendizagem.	Insuficientes espaços de convívio para os alunos
Diversidade e qualidade das parcerias estabelecidas	Ausência de um processo sistemático de autoavaliação.
Nível de exigência rumo à excelência.	Insuficiente desmaterialização documental
Uma liderança de proximidade, capaz de partilhar competências e responsabilidades, de articular vários órgãos e estabelecimentos de educação e ensino e de gerir conflitos.	

14. Ações para a melhoria de resultados e superação de fragilidades

- . Apresentar planos de melhoria em função da valorização das áreas mais conseguidas e da superação das fragilidades.
- . Criação de um boletim informativo.
- . Criação do Moodle.
- . Promoção de práticas de trabalho colaborativo entre docentes.
- . Criação de um espaço no horário do professor (1 bloco) destinado ao trabalho colaborativo interpares.
- . Manter uma equipa de autoavaliação coesa e continuada.
- . Construção e aplicação de instrumentos de recolha de informação.
- . Participação da comunidade educativa no processo de autoavaliação.
- . Produção de documentação online com as evidências essenciais.
- . Acompanhamento do projeto educativo.

15. Avaliação do projecto educativo

O Projeto Educativo assume-se como um documento aberto, flexível e dinâmico, passível de ser objeto de ajustamentos e reformulações ao longo do seu percurso de implementação. Integra em si mesmo a perspetiva de uma Escola que, permanentemente, deverá autoquestionar-se, num esforço constante de adequação ao contexto singular em que se insere.

A autorreflexão e a avaliação deverão permitir uma retroação continuada no sentido de (re)pensar a ação, melhorar a capacidade de resposta e encontrar soluções originais para cada um dos desafios com que o Agrupamento é confrontado.

A intencionalidade educativa, reconhecida e assumida por todos, num projeto capaz de sustentar uma ação coerente e eficaz, pressupõe a elaboração de um contrato de avaliação que se oriente pela:

- racionalidade;
- aceitação das regras de procedimentos tanto no que diz respeito à natureza, como aos objetivos e aos métodos de avaliação;
- viabilidade;
- participação dos sujeitos.

Nesta linha, a avaliação será efetivada, anualmente, de forma a permitir um *feedback* que possibilite validar e (re)equacionar as linhas de atuação desenvolvidas.

O referencial de avaliação deste projeto inclui indicadores relativos ao número de intervenientes envolvidos, ao nível de adesão às ações e ao número e frequência da sua realização. Será

proposto, ainda, um dispositivo de monitorização para cada uma das ações realizadas. Recorrer-se-á, sempre que necessário, à análise documental, à aplicação de questionários e a outros registos, por forma a (re)orientar a ação.

A equipa que constitui o Observatório de Qualidade do Agrupamento elabora instrumentos de recolha e de registo das evidências face aos objetivos traçados neste PEA, com vista à elaboração de um juízo avaliativo.

O Conselho Pedagógico e o Conselho Geral, no âmbito dos normativos vigentes acompanha e avalia a operacionalização deste PEA.

16. Divulgação do projecto educativo do Agrupamento

Referencial de coerência e unidade educativas o PEA, documento estratégico orientador da ação educativa do Agrupamento, deve mobilizar todos os elementos da comunidade educativa na concretização das metas e ações nele consagradas.

Depois de validado pelo Conselho Pedagógico e aprovado pelo Conselho Geral, o PEA será divulgado na página do Agrupamento, na plataforma Moodle, na Biblioteca, na Direção e nos Serviços Administrativos.

No início de cada ano letivo é feita a apresentação das linhas gerais deste Projeto junto dos elementos da comunidade educativa, para que todos possam colaborar e definir objetivos para a sua consecução.

Considerações finais

Referencial de pensamento e ação de uma comunidade que se revê em determinados princípios e objetivos educacionais, este PE baliza e orienta a intervenção de todos os agentes e parceiros na vida do Agrupamento e posiciona-o face à administração educativa como uma cultura de autonomia.

Na sua narrativa materializa as dimensões de uma escola, como organização curricularmente inteligente, que se pretende ativa e reflexiva na promoção da igualdade de oportunidades de acesso ao sucesso e no respeito pela diversidade individual e coletiva.

Deste modo, este Projeto assume-se como um dos meios maior eficácia para a construção de uma educação inclusiva numa escola para todos, construindo-se como um referencial de exigência comum que permita criar rotinas e ritos de funcionamento do AEDFL

[...] “certamente faltam muitas explicações, seria difícil compreender, mesmo ao cabo de longo tempo, porque um gesto se abriu, outro se frustrou, [...]”

Carlos Drumond de Andrade, *Indicações*